

História

Para além da margem

Retomar a presença da dissidência nos espaços de memória

Por Sarah Valente

A História, assim como a Memória, não parte de um lugar de neutralidade. A forma como a narrativa é construída, os fatos, personagens e eventos não são aleatórios ou desinteressados, mas sim amarrados para gerar sentido. Uma história que apresenta apenas a agência de determinados grupos sociais, como o grupo dominante, contribui para o apagamento de uma série de outros agentes históricos essenciais que são esquecidos e deslegitimados. Por consequência, geralmente estes grupos permanecem sem reconhecimento e sem patrimônio¹ - pouco sabemos sobre eles, como viveram, quais hábitos, quais saberes, conhecimentos e tecnologias produziram.

A partir dessa discussão, compreende-se que os espaços de

memória produzem sentido para a realidade e reproduzem - por ingenuidade ou por reforço de certas narrativas, a exclusão de alguns grupos em relação a outros - o esquecimento de certas identidades em relação a outras. A falta de representatividade em espaços de memória pode gerar uma série de questionamentos - não só sobre o passado, mas também no presente. Por exemplo, quando pensamos a exposição “Casamentos em Tempos”, disponível para visitação na Casa da Memória em 2022, percebíamos diversas famílias, em diferentes temporalidades em seus casamentos; havia também as histórias dos encontros e até mesmo fotografias de Bodas de Ouro de alguns casais. Além de Piraquarenses, o que todas as fotografias tinham em comum é que mostravam casais heterossexuais. Olhos mais atentos perceberam que não havia casais do mesmo gênero representados, o que pode levar a questionar se eles existiam anteriormente, ou promover a interpretação de que eles são um desvio da norma e que portanto suas existências não são legítimas.

De qualquer forma, a falta de registro material de pessoas LGBTQIAPN+’s no passado é uma

¹BAPTISTA, Jean, BOITA, Tony. Memória e esquecimento LGBT nos museus, patrimônios e espaços de memória no Brasil. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação - SESC**, nº 5. Setembro, 2017. p. 111. Disponível em <<https://portal.sescsp.org.br/files/artigo/70a5e644/a393/463e/a32c/38a11c4c671c.pdf>>. Acesso em 23/06/2024.



Boletim da MEMÓRIA

Ano II

Piraquara, 25 de Junho de 2024

2ª Quinzena

Nº 23

realidade em grande parte dos espaços museológicos, pois:

Construir o percurso da memória LGBT é, em grande parte, uma trama que é tecida por histórias orais, sem muitos elementos tridimensionais que a pontue, ou seja, sem objetos que sirvam de registros dessas histórias. Isso acontece pelo fato de que, até o dia de hoje, não se teve a ação de nenhuma instituição museológica (...) que se detivesse a preservar as indumentárias de personagens constituintes dessa jornada nas esferas sociais, políticas e culturais. Sendo assim, se faz necessária a constituição de uma coleção LGBT, pois, além de os artefatos pertencerem ao universo performático dessa comunidade, constrói-se dessa forma a sua história, sendo possível revelar características e idiossincrasias como vestígios de quem somos, de nossos hábitos; são os registros de nossa trajetória e de nossos costumes em determinada época e local².

Infelizmente, os únicos registros materiais que encontramos até então em nossos acervos são recortes de jornais, principalmente relacionados à

²ASSUMPÇÃO, Elizangela. **Práticas da Museologia e o movimento LGBT**. Jornal da Universidade. 17 de Janeiro de 2022. Porto Alegre, RS. Disponível em <<https://www.ufrgs.br/jornal/praticas-da-museologia-e-o-movimento-lgbt/>>. Acesso em 23/06/2024.

Penitenciária. Esses registros fazem questão de mencionar as existências LGBTQIAPN+'s associadas à ideia de degeneração, anomalia, desvios, imoralidade, marginalidade e ao perigoso, fruto do pensamento da época que colocava as pessoas dissidentes de gênero e sexualidade nesses lugares simbólicos. Apesar de doloroso e estigmatizante, é importante olhar para esses registros e refletir sobre o que eles contam sobre a sociedade e a vivência LGBTQIAPN+'s da época. Porém, é possível pensar novas abordagens para o tema, a partir da oralidade³, para recontar as histórias da dissidência em diferentes situações, não só na marginalidade. Para a comunidade LGBTQIAPN+'s, o direito à Memória e a representação nesses espaços fortalece a identidade ao longo da história, e legitima a existência para além do sofrimento. Por isso, contra o vermelho sangue da violência e do apagamento, vamos propositalmente pintar os museus de colorido.

História

Causa da Morte: Amor ou Desumanização?

Por Tarish Costa

³*Ibidem.*



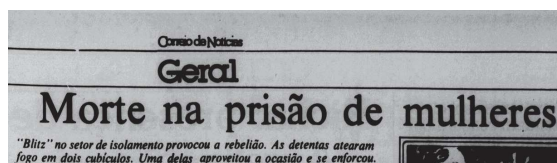
Boletim da MEMÓRIA

Ano II

Piraquara, 25 de Junho de 2024

2ª Quinzena

Nº 23



Correio de Notícias.1985/Edição 01313(1) Acervo:
Hemeroteca Digital Brasileira⁴

Os presídios e manicômios foram, e ainda são, lugares para oprimir e excluir qualquer pessoa que não se enquadre nos moldes da família cisheteronormativa cristã com suas heranças coloniais que possam ameaçar a propriedade privada da classe dominante no capitalismo dependente brasileiro. Esses lugares foram criados para o controle social, vigilância dos corpos e “tratamento” de pessoas que saem das normas vigentes, sendo a Penitenciária Central do Estado em Piraquara um desses lugares.

Em 6 de novembro de 1985, houve uma rebelião de mulheres no Presídio Feminino, seção da Penitência Central do Estado, contra as violências do dia a dia que as mulheres sofriam na cadeia. Nesse dia, os policiais fizeram uma operação para proibir o uso de drogas ilícitas - como

a maconha - dentro do presídio, que acabou levando um grupo de seis mulheres para o setor de isolamento - uma solitária - e outra parte para o Manicômio Judiciário. Dentre as seis, uma cometeu suicídio, Liliam Chaves da Silva.

De acordo com o jornal “Correio de Notícias”, Liliam tinha sentimentos por Sandra - outra detenta e sua companheira no presídio. As correspondências trocadas entre as duas comprovam essa informação, pois continham declarações de amor e revelavam a vontade de Liliam casar com Sandra. Alguns testemunhos de uma das detentas envolvidas na rebelião, Sonia, apontaram que havia interação entre as duas e ela defendia que Liliam havia se suicidado por conta de um “amor não correspondido”. Entretanto, segundo o jornal, quando Sandra soube da morte de Liliam, ficou muito nervosa e foi encaminhada para a enfermaria receber sedativos, mostrando preocupação com a companheira. Esses eram alguns indicativos de que havia afeto nutrido por duas pessoas do mesmo gênero dentro da penitenciária.

O jornal também tenta convencer o leitor, por meio de depoimentos, que a morte de Liliam se deu por sua relação homoafetiva e o amor não correspondido de Sandra. Todavia, a própria Liliam, antes

⁴ Morte na Prisão de Mulheres, Correio de Notícias, Curitiba, 6 de Novembro de 1985, pg.7. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=325538_01&pesq=homossexuais%20piraquara&pasta=ano%20198&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=8775. Acesso em 24 jun. 2024.



Boletim da MEMÓRIA

Ano II

Piraquara, 25 de Junho de 2024

2ª Quinzena

Nº 23

de morrer, avisou que se mataria caso voltasse para o isolamento - não por causa de um amor não correspondido de Sandra, por sua orientação sexual ou o uso de drogas - e sim pela constante desumanização do presídio e as opressões que são cometidas contra a existência de cada pessoa naquele lugar.

História

Piraquara, Cidade Aberta?

Por Amanda Neves

A quinta página da edição publicada pelo jornal paranaense Diário da Tarde em 22 de abril de 1964 conta com uma manchete deveras intrigante a respeito de Piraquara. A reportagem faz parte de uma série de notícias chamada “Piraquara, Cidade Aberta!”, que teve sua primeira edição publicada em 14 de abril daquele mesmo ano, duas semanas após o início do período ditatorial no Brasil. Em sua edição de estreia, o redator A. Martins comunica aos leitores que tem como objetivo escrever sobre o “mundo particular” do município de Piraquara, sobretudo a vida que as pessoas aqui residentes levavam em seu cotidiano⁵.

⁵ Diário da Tarde. Edição 20146B, 1964. Paraná. Acervo: Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em:

Um dos pontos “particulares” citados pelo autor é a Penitenciária Central do Estado. Inaugurada em 1954, a instituição era inicialmente formada por 522 celas individuais com 10 metros quadrados cada, além de lavanderia, padaria, cozinha, duas câmaras frigoríficas, seis refeitórios, seis salas de aulas, capela, templo protestante, serviço e dez salas para oficinas de trabalho⁶.

Em sua sétima reportagem, Martins faz observações práticas – e críticas – sobre o setor laboral industrial do presídio; mais precisamente sobre os encarcerados que *não* participam deste setor e, conseqüentemente, de acordo com o autor, parecem passear sobre a vida carcerária sem procurar trazer nenhum “benefício” a si próprio, tornando-se assim acomodados sustentados pelo Estado⁷. O redator explica que o estabelecimento segue “uma judiciosa linha de aproveitamento

<http://memoria.bn.gov.br/docreader/800074/105382>. Acesso em: 13 jun. 2024.

⁶ Penitenciária Central do Estado - PCE. Polícia Penal do Paraná. 2021. Disponível em: <https://www.deppen.pr.gov.br/Pagina/Penitenciaria-Central-do-Estado-PCE>. Acesso em: 19 jun. 2024.

⁷ Diário da Tarde. Edição 20152, 1964. Paraná. Acervo: Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/800074/105431>. Acesso em: 12 jun. 2024.



Boletim da MEMÓRIA

Ano II

Piraquara, 25 de Junho de 2024

2ª Quinzena

Nº 23

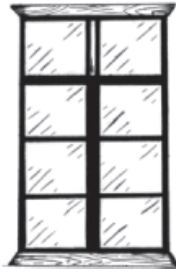
do homem, segundo suas tendências e aptidões, separando-se inclusive os “pederastas⁸” dos “homens normais”, dando-lhes um tipo de trabalho mais adequado e “mais artístico”. Dito isso, podemos afirmar que havia um sistema imposto de segregação do trabalho entre homens heterossexuais e homossexuais, separado a partir da maior (olaria, serraria, agronomia) ou menor (cerâmica, artesanato, pintura) necessidade de esforço físico para executar o serviço.

Por fim, mesmo com o devido reconhecimento da importância do trabalho como fonte de terapia na vida daqueles sob cárcere, ao afirmar que “um homem entregue a qualquer atividade profissional durante sua vida carcerária é, indubitavelmente, um homem a caminho de sua recuperação individual”, o jornalista degrada e acusa os serviços prestados pelos homossexuais como inúteis em comparação aos dos homens heterossexuais. Quando interpretamos esse texto atualmente, a partir do entendimento de que o encarceramento existe desde o século XVIII com a finalidade de normalizar e disciplinar os

⁸ O uso da palavra pederasta no sentido pejorativo era comumente utilizado na época para referir-se aos indivíduos do sexo masculino que mantinham relações sexuais e/ou afetivas com outros homens.

indivíduos inaptos na sociedade, conseguimos ver como as expressões de sexualidade que se desviam do padrão heteronormativo são rotuladas como anormais e “contra a natureza humana” apenas por desafiar essa norma⁹. Aqui chamados de “sentenciados anormais”, a parcela homossexual do presídio – e também da sociedade externa a ele – é percebida como um conjunto de seres degenerados, com seu modo de viver considerado uma anomalia; defeitos estes infelizmente imperdoáveis pelo ponto de vista heterossexista de convivência social, onde a punição que ocorre através da depreciação e apagamento de suas individualidades consegue atingir camadas mais profundas em seus corpos que talvez nenhum confinamento possa alcançar.

⁹ Medeiros, Regina Rodrigues; Quadros, Samuel Vinhas. LGBTs DENTRO DOS PRESIDIOS: Os abusos sexuais e as alas LGBT. In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS: CIVILIZAÇÃO OU BARBÁRIE: O FUTURO DA HUMANIDADE, 9., 2019, São Luís. **Anais da IX Jornada Internacional de Políticas Públicas**. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, 2019. Disponível em: <https://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2019/anais.html>. Acesso em: 18 jun. 2024.



Boletim da MEMÓRIA

Ano II

Piraquara, 25 de Junho de 2024

2ª Quinzena

Nº 23



Diário da Tarde. Edição 20152, 1964. Paraná.

Acervo: Hemeroteca Digital Brasileira¹⁰

Editorial

Apresentação:

O Projeto Boletim da Memória

Por Editorial

O Boletim da Memória é um projeto da Casa da Memória, que tem por objetivo informar sobre a documentação em relação ao município de Piraquara. O boletim também traz informações que tratam do trabalho com o acervo, utilizando de metodologias diversas, principalmente história oral, revisão bibliográfica, texto museológico, etc.

Ficha Técnica

Prefeito Municipal de Piraquara

Josimar Aparecido Knupp Fróes

Secretário de Cultura, Esporte e lazer

Anderson Barbosa

Casa da Memória Manuel Alves Pereira

Coordenadora

Regina Almeida

Historiadora

Sarah Valente

Redação e edição

Amanda Neves, Sarah Valente, Tarish (Vitor Costa)

Projeto gráfico

Sarah Valente e Natan José da Silva

Revisão

Regina Almeida

¹⁰ Disponível em:

<http://memoria.bn.gov.br/DocReader/800074/105431>.